

A mulher de Jó

“Jó, sentado em cinza, tomou um caco para com ele raspar-se. Então, sua mulher lhe disse: Amaldiçoa a Deus e morre. Mas ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? (...)”

Jó 2:8-10

Tal como Job, aquela mulher também tinha perdido tudo, todos os bens, os criados, o gado, a consideração alheia e os seus dez filhos. Uma mulher pode sobreviver sem muitas coisas, mas é quase impossível superar a dor da perda de um filho – no caso dela, a perda de dez filhos!

Podia lembrar-se com pormenor de cada um deles – do seu nascimento, das primeiras palavras, dos primeiros passos, dos gostos e preferências, do rosto amado de cada um deles, das cores, das roupas, das actividades, da comida favorita... Conhecia os amigos de cada um. Sabia os projectos de vida que cada um tinha... e num momento tudo desabou. Eles deixaram a casa vazia, mergulhada em silêncio, os seus lugares vazios à mesa, os seus quartos vazios...

Acrescente-se a isso a dor de ver o marido adoecer gravemente e morrer aos bocados. O sofrimento dele tornou-se insuportável para ela. Na sua mente devia haver uma confusão imensa e um mar de perguntas sem resposta, tal como havia na mente de Jó... Se alguém já alguma vez teve razões para enlouquecer, esta mulher foi uma dessas pessoas.

Então Deus surge-lhe como o último recurso para pôr termo à dor do marido. Ela compreendia que o poder da vida e da morte estava nas mãos de Deus. Pareceu-lhe lógico que o marido quisesse morrer. Por isso sugeriu: “Amaldiçoa a Deus e morre.” Ela não disse: “Amaldiçoa a Deus e mata-te”. Ela não o aconselhou a cometer suicídio, porque havia a crença, naquele tempo, de que se alguém amaldiçoasse a Deus, seria fulminado no mesmo instante e cairia morto. Ela sugere que ele deixe Deus matá-lo, que abdique da vida de uma vez e dê a Deus um motivo para o matar.

É evidente que ela não tinha um relacionamento com o Senhor tão profundo como o marido. O desespero dela corria à rédea solta pelos prados lamacentos da sua alma. Ela não sabia o que dizer nem o que fazer. Conhecia o marido o bastante para saber que toda aquela provação não podia ser causada por nada que ele tivesse feito de errado, portanto era melhor morrer. Para o crente morrer não é o pior...

A atitude e a resposta de Jó chamaram-na à razão. Lembra-lhe o bem que durante anos e anos ambos tinham recebido do Senhor. Mostra-lhe que acredita que

(Continuação)

até mesmo o mal que caiu sobre eles não veio sem o consentimento de Deus. Ele continuava a pensar: "Ainda que Ele me mate, Nele esperarei." Se Deus decidisse matá-lo, seria no tempo de Deus, não no tempo do seu desespero e da sua dor, como um meio de fuga. Jó era um vencedor.

Muitos séculos mais tarde, a atitude de Jó perante o sofrimento encontra eco na vida do apóstolo Paulo e nas suas palavras na carta aos Filipenses: "(...) Cristo será engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. (...) de um e outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne." (1:20-24)